



Cadernos IHU Idéias

**As Sete Mulheres e as
Negras sem Rosto:
Ficção, História e Trivialidade**

Mário Maestri

ano 2 - nº 17 - 2004 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Coordenador

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias

Ano 2 – Nº 17 – 2004

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho editorial

Dárnis Corbellini

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Vera Regina Schmitz

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Rejane Machado da Silva de Bastos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

humanitas@poa.unisinos.br

www.ihu.unisinos.br

AS SETE MULHERES E AS NEGRAS SEM ROSTO

Ficção, história e trivialidade

Mário Maestri¹

O espectro do romance histórico sobre a Guerra Farrroupilha não cessa de assombrar a literatura sulina, pondo, em não raro, a pique, com grande, algum ou nenhum sucesso de público, os inúmeros escritores que se embarcaram na arriscada aventura, desde a publicação, em 1847, de *A divina pastora*, de Caldre e Fião, seguido de *O corsário*, de 1851, também ambientado durante aquele conflito.²

O romance *A casa das sete mulheres*³, consagrado por superprodução televisiva de sucesso nacional, percorre os grandes e pequenos pecados cometidos por inúmeros protagonistas desse drama literário. O fato de a autora possuir inegáveis dotes ficcionais facilita a discussão das raízes dessa espécie de maldição que pesa sobre a literatura gaúcha.

O projeto de Letícia Wierzchowski é inteligente e ambicioso. A autora propõe-se contar o *decênio heróico* em romance de fôlego – mais de meio milhão de páginas – através dos olhos de mulheres que tiveram as vidas suspensas pela partida dos pais, esposos, filhos e amantes, para dedicarem-se à varonil arte da guerra.

Nesse sentido, Letícia retoma e homenageia as mais poderosas páginas da célebre obra de Érico Veríssimo.⁴ Também suas mulheres escutam o vento assobiar e o tempo passar, prisioneiras das paredes silenciosas de estâncias desertadas por homens entreverados nos combates seculares deste fim de Brasil.

1 Doutor em História, é professor no Programa de Pós- Graduação em História da Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: maestri@via-rs.net

2 Cf. FIÃO, José Antônio do Vale Caldre. [1821-1876.] *A divina pastora*: romance. Porto Alegre: RBS, 1992; *O corsário*: romance rio-grandense. [Rio de Janeiro, 1849.] Porto Alegre: Movimento, IEL; Brasília: INL, 1979.

3 Cf. WIERZCHOWSKI, Letícia. *A casa das sete mulheres*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 511 p.

4 Cf. VERÍSSIMO, Érico [1905-1975]. *O tempo e o vento*: I. O continente. 2 v.; II. O retrato. 2 v.; O arquipélago. 3 v. Porto Alegre: Globo, 1948-1962.

Paixão excelente

*Sim, sempre os homens vão, para as suas guerras, para as suas lides, para conquistar novas terras, para abrir os túmulos e enterrar os mortos. As mulheres é que ficam, é que aguardam. Nove meses, uma vida inteira. Arrastando os dias feitos móveis velhos, as mulheres aguardam ... Como um muro, é assim que uma mulher do pampa espera pelo seu homem.*⁵

Também o nó de amarração do romance é poderoso. A longa narrativa tem como centro articulador uma história de amor excelente – a paixão entre Manuela, sobrinha de Bento Gonçalves, e o jovem Giuseppe Garibaldi, futuro herói dos Dois Mundos. Letícia rememora igualmente a derradeira novela de Josué Guimarães, na qual se apóia Garibaldi – *Garibaldi & Manoela: Amor de perdição*, de 1986, há pouco reeditada com cortante apresentação de Tabajara Ruas.⁶

Outra poderosa inspiração explícita de *A casa das sete mulheres* é precisamente Tabajara Ruas, autor da mais ambiciosa ficção épica da Guerra Farroupilha, de título camoniano – *Os varões assinalados*.⁷ Portanto, *A casa das sete mulheres* propõe igualmente qualificação ficcional heróica dos festejados sucessos históricos. Como veremos, os elogios àqueles acontecimentos e aos seus protagonistas são incontidos.

Mas, sobretudo, o romance é narrativa no feminino. São histórias para todos, escritas pelas mãos de Letícia e explicadas pelos olhos e sentimentos de sete mulheres: Ana Joaquina, Antônia, Caetana, Maria Manuela, Mariana, Manuela, Rosário, irmãs, esposa e sobrinhas de Bento Gonçalves da Silva, o líder máximo da república sulina.

Deusas pastoris

Mas quem são as sete protagonistas que habitam e animam estas fazendas pastoris nas bordas da campanha rio-grandense, principal cenário da trama ficcional? Como são as mulheres que Letícia recupera do passado, materializando-as ficcionalmente nos seus atos e sentimentos paradigmáticos?

São mulheres lindas, deusas pastoris, belas na juventude e desejáveis na maturidade. “Caetana [...] mirou-se no espelho de cristal. [...] Tinha quarenta e dois anos e ainda era bonita.” “Bento Gonçalves [...]. Depois das escapadelas com as criadas, ele

5 WIERZCHOWSKI. *A casa [...]*, op.cit., p. 72.

6 GUIMARÃES, Josué. [1921-1986]. *Garibaldi & Manoela: uma história de amor*. (Amor de perdição). Apres. Tabajara Ruas. Porto Alegre: L&PM, 2002. [L&PM Pocket, 294.]

7 RUAS, Tabajara. *Os varões assinalados*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. 544 p.

voltava para o quarto e sabia ser ainda mais carinhoso; mostrar, enfim, o quanto a queria”.⁸

São mulheres de olhos verdes como as matas e azuis como os céus, de cabelos negros como a noite e dourados como os trigais. Mulheres de pele alva, cheirando a “rosas” que desejam e entregam-se sem pejo, em atos, sonhos e delírios, a másculos e belos guerreiros que abandonam os combates para mergulharem nos regaços amados.

O amor correspondido, realizado ou não, é o grande protagonista oculto da obra. “Vivi por Giuseppe Garibaldi como muito poucas mulheres viveram por um homem, um homem que nunca foi de todo meu, mas de quem pude compreender a essência – era um cometa, uma estrela cadente –, justo que restasse tão pouco ao meu lado.”⁹

Penélopes pampianas

*D. Perpétua estivera feliz como em poucas vezes na vida, vendo a filha toda vestida de renda branca, de braço dado com o jovem fazendeiro. Depois tinham ido viver em Pelotas, tinham arrumado a casa da estância, tinham sido felizes e companheiros. José e Pedro nasceram, ambos parecidos com o pai, ambos corajosos, fortes, amantes dos cavalos e do campo ...*¹⁰

Confesso que durante a leitura de *A casa das sete mulheres* pensei sem cessar nas jovens senhoras, aos vinte anos gordotas e bigodudas, aos quarenta, sisudas e volumosas patriarcas embutidas em vestidos negros, imortalizadas, em pudica distância de maridos e prometidos, nos retratos retocados de molduras ovais das paredes das moradias e nas páginas dos álbuns de capa de veludo e arabescos de ferro das famílias latifundiárias sulinas.

Nos corpos, falas, gestos, sonhos e sobretudo desejos e expectativas, as protagonistas de Leticia constituem irretorquíveis reproduções estereotipadas da mulher-padrão sulina, branca e de classe média, desse início de milênio, e jamais figuração ficcional das sinhás e sinhazinhas que habitaram as fazendas pastoris do passado.

Em *O gaúcho*, que também tem como cenário a Revolta Farroupilha, José de Alencar, em tudo mais inverossímil, descreve as senhoras sulinas mais próximas da realidade: “Estavam no apêndice da casa duas mulheres. A mais idosa, viúva de quarenta e cinco anos [...] passaria por formosa se não fora a excessiva gordura.” “A seu lado ia outra cavaleira mais idosa e cheia de

8 Id., ib., p.402.

9 Id., ib., p. 166.

10 Id., ib., 114.

corpo; [...]” Para o autor, a primeira maturidade feminina era quase sinônimo de obesidade!¹¹

De volta ao presente

Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala*, lembra, no mesmo sentido, que, no Império, as filhas das elites casavam-se muito jovens, quando “meninotas”, no frescor dos seus treze anos ou quatorze anos. “Aos dezoito anos, já matronas, atingiam a completa maturidade. Depois dos vinte, a decadência. Ficavam gordas, moles. Criavam papadas.”¹²

O casamento como desdobramento do amor romântico e objetivação da atração e do prazer físico. O desejo sexual entre esposos. Maridos que se lançam nos braços de atraentes sinhás de meia idade. Conquistas, programas e mitos do atual estágio do matrimônio burguês-ocidental materializam-se sem nuances em ficção ambientada no mundo pastoril oitocentista.

A conclusão impõe-se. Em vez de trazer o passado para o presente, o presente nos é apresentado como se passado fosse. Um pouco como a cinematografia norte-americana, com heróis e heroínas da Antiguidade ou Idade Média, vestidos mais ou menos segundo a época, falando, sentindo e amando como *acreditam* e *desejam* fazer os espectadores contemporâneos.

O principal palco narrativo de *A casa das sete mulheres* é o mundo sentimental e afetivo feminino, embalado pelas esperas e perdas de dez anos de guerra. Portanto, é nesse plano, escolhido e definido pela autora, que deve emergir e materializar-se o universo histórico que embasa e determina a narrativa.

Unidade e diversidade

São certamente desprezíveis tropeços menores do *décor* ficcional, como, entre outros, lareiras aquecendo as sedes das fazendas; campos precocemente cercados; facilidades e processos higiênicos modernos; cativos domésticos labutando na roça; telegramas e bombachas em 1835.¹³ O fundamental é que as emoções e as ações nas quais a narrativa se centra expressem, correspondam e materializem poderosamente as formas de sentir e de viver de então.

A experiência e a existência humana não são combinações variadas de ingredientes sempre os mesmos. Através dos tempos, mulheres e homens falam, agem e sentem subjetivamente

11 ALENCAR, José. [1829-1877]. *O gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 86, 150.

12 FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. 47. ed. revista. São Paulo: Global, 2003. p. 431.

13 WIERZCHOWSKI., op. cit., p. 39, 98, 136, 392, 418, 436.

de formas diversas, precisamente porque vivem e relacionam-se objetivamente em forma diversa. É função da historiografia e do romance histórico desvelar essa evolução, nos marcos de seus processos e de suas linguagens singulares.

O romance histórico não pode materializar histórias e sentimentos sempre iguais, contados de modos diversos, em cenários variados. Ao contrário, persegue a apreensão das diversidades dos sentimentos, relações e atos humanos através dos tempos, no contexto do fio unitário que liga o devir humano. Tem como missão: aproximar do leitor a singularidade do passado, permitindo-lhe revivê-la como experiência artística.¹⁴

A unidade e a diversidade das experiências singulares dos homens através da história materializam-se nos mais banais atos quotidianos. O modo com que uma filha se relaciona com a mãe e uma mulher com o esposo refletem, expressam e materializam nexos profundos e necessários do mundo social objetivo.

Transação social

O tratamento protocolar “– Senhora minha mãe; – Senhor meu esposo; – Senhor meu pai”, usado ainda arcaicamente em regiões e famílias do Brasil, no passado, registrava e expressava, no interior da própria família senhorial, a dura e rígida hierarquia da sociedade escravista e patrimonial, que tinha no matrimônio instituição angular. Na maioria dos casos, sobretudo o pai era espécie de senhor de sua esposa e filhos.¹⁵

Racionalizadas e idealizadas, as funções patrimoniais do matrimônio eram naturalmente aceitas por noivos que não incorporavam, entre as expectativas da união, o amor romântico e o prazer sexual. Este último, para as noivas, quanto muito, constituía descoberta e acidente matrimonial transitório e, para os homens, conquista externa ao casamento, buscada habitualmente nos prostíbulos, queridas de luxo e mantidas.

Os namoros e os noivados eram rigidamente controlados pelos pais, que temiam a ação de “aventureiros”, sem as qualidades sociais e de sangue exigidas para o ingresso em suas famílias. Nos bailes, era deboche moral inaceitável que o noivo dançasse mais do que algumas músicas com a prometida. Ao casarem, os jovens esposos, não raro, eram quase estranhos e mantinham comumente relacionamento protocolar por toda a vida.

Em *Casa-grande e senzala*, verdadeira hipersensualização da história, Gilberto Freyre lembra que as jovens sinhazinhas se-

14 Cf. LUKACS, Georges. *Le roman historique*. Paris: Payot, 2000. p. 56.

15 Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados & mucambos*: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 2. decadência do patriarcalismo rural e desenvolvimento urbano. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 87.

quer tinham tempo para amadurecerem sexualmente: “Não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões lúbricas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no tálamo patriarcal. Abafadas sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos [...]”.¹⁶

A filha do patrão

Quando atração e prazer intrometiam-se impremeditavelmente em uma aliança nupcial, o fato inesperado era mais comumente mantido encerrado a sete chaves entre as paredes da alcova e sob os lençóis do leito matrimonial, para que não comprometesse a boa reputação do casal exótico, atingido pelo estranho desvio comportamental.

O universo senhorial determinava rigidamente os contratos matrimoniais, principal via de circulação do patrimônio legado aos filhos legítimos. Devia-se a essa razão as comuns alianças matrimoniais consangüíneas que dobraram os sobrenomes de tantas famílias de posses: “[...] os casamentos, tão freqüentes no Brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a disposição dos bens e conservar a limpeza do sangue [...]”.¹⁷

Até poucas décadas atrás, não é que fosse proibido, em verdade, as jovens filhas do latifúndio sequer imaginavam a possibilidade de passear sozinhas nos arvoredos próximos das sedes das fazendas pastoris, quanto mais vagabundear doídivanas pelas margens de arroios e em campos abertos, como sucede amiúde com as personagens femininas de *A casa das sete mulheres*. “Mariana ficou desolada, fugiu para a sanga, restou lá uma tarde inteira a chorar.”¹⁸

O controle das jovens herdeiras era condição necessária para que a transferência de bens não se desse fora das metas sociais das classes proprietárias. A vigilância era rígida devido a transgressões e ameaças reais e imaginárias, às quais os romances brasileiros da segunda metade do séc XIX referem-se de forma obsessiva.

Os patriarcas temiam sobremaneira o rapto das filhas por sedutores, aventureiros e donjuans que teriam se tornado, ao menos segundo Gilberto Freyre, mais comuns naquelas décadas do séc. XIX.¹⁹ Porém, a ascensão social através do casamen-

16 Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sobre [sic] o regime da economia patriarcal*. 47.ed. revista. São Paulo: Global, 2003. p. 423.

17 Id., ib., p. 425.

18 WIERZCHOWSKI, op. cit., p. 132.

19 Cf. FREYRE. *Sobrados & mucambos*, op. cit., p. 129.

to com herdeira de terras – o tradicional braguetaço da fronteira – segue constituindo objetivo mais mítico do que real de jovens das classes médias pobres do mundo pastoril brasileiro.

Prisioneiras domésticas

A tradição lembra casos extraordinários de peões que se tornaram proprietários por abischoitarem uma rica herdeira. A documentação registra transgressões impensadas como a sinhá que se entregou às delícias do sexo com seus cativos, pagando-os a seguir para eliminar o consorte condescendente, mas incômodo.

Cobria-se a gravidez indesejada com aborto ou com casamento da herdeira pejada com noivo condescendente, devido à origem social inferior, mas não infamante. Tema habitual do romance do Segundo Reinado, a possibilidade de sedução da heroína por aventureiro materializava o medo de matrimônio aviltante e reforçava os padrões matrimoniais classistas.

Em *América Latina*, Manuel Bomfim lembrou o que sucedia, no Brasil, após a violação, nos fatos ou na imaginação senhorial, das barreiras de classe que se queria intransponíveis: “[...] então, intervém a moral paterna: castra-se com uma faca mal-afiada o negro ou o mulato, salga-se a ferida, enterram-no vivo depois. A rapariga, com um dote reforçado, casa com um primo pobre [...]”.²⁰

Gilberto Freyre corrigiu Manuel Bomfim, que propunha as seduções interclasses como fatos não incomuns: “Estas ocorreram, decerto; porém raramente.” E explicou uma das fortes razões que impediam a consumação do ato anti-social: “[...] o ambiente em que eram criadas” as sinhás-moças “nas casas-grandes dificilmente permitia aventuras tão arriscadas.” E lembrou: “[...] a moça ou menina branca estava sempre sob as vistas de pessoa mais velha ou da mucama de confiança. Vigilância que se aguçava durante a noite. À dormida das meninas e moças reservava-se, nas casas-grandes, a alcova, ou a camarinha, bem no centro da casa, rodeada de quartos de pessoas mais velhas. Mais uma prisão que aposento de gente livre.”²¹

Final feliz

O amor de Mariana, sobrinha de Bento Gonçalves, com o peão João Gutierrez, peca por absoluta artificialidade. Trata-se de outro domínio essencial em que a narrativa afasta-se do verossímil para construir relato de cunho romântico modernizado, de solução feliz e, portanto, profundamente tranquilizadora.

20 BOMFIM, Manuel. *América Latina*. [1903]. (apud FREYRE, op. cit., p. 422.)

21 Cf. FREYRE, op. cit., p. 422.

A jovem Mariana desloca-se pela fazenda ao bel-prazer, abandonando a vigiada alcova de donzela com estonteante facilidade, considerando-se a topografia e os hábitos das sedes pastoris, de janelas e portas trancadas à noite, pelo interior, e vigiadas por cuscos e capatazes, do exterior.

Em *Sobrados & mucambos*, Gilberto Freyre propõe com pertinência:

*“O sistema patriarcal de família queria as mulheres, sobretudo as moças, as meninas, as donzelas, dormindo nas camarinhas ou alcovas de feição árabe: quartos sem janela, no interior da casa, onde não chegasse nem sequer o reflexo do olhar pegajento dos donjuans, tão mais afoitos nas cidades do que no interior.”*²² Não raro, mucamas dormiam ao pé da cama das sinhazinhas para servi-las e, logicamente, vigiá-las, como assinala Joaquim José de Macedo, no romance de 1869: *“Angélica dormia profundamente, e diante dela em uma esteira ressonava a sua escrava estimada [...]”*²³

Ao modo dos romances românticos de capa-e-espada do Oitocentos, as personagens de *A casa das sete mulheres* adaptam-se, de forma forçada, ao enredo em vez deste último construir-se harmonicamente a partir das determinações essenciais de personagens paradigmáticos que singularizem categorias e relações sociais centrais e determinantes do passado.

Peão letrado

Para que os amantes comuniquem-se, o peão João Gutierrez surge na trama lendo e escrevendo, artes desconhecidas por boa parte dos proprietários pastoris da época. Em verdade, nesses tempos, o peão letrado era elevado imediatamente à função de capataz, na fazenda, e de suboficial, nos exércitos, devido a sua inusitada e muito valorizada habilidade.

É também esdrúxula a modernização do sentimento paterno de João Gutierrez, ao conhecer seu bastardo. “[...] João Gutierrez percebeu que o mundo se resumia naquele serzinho delicado e morno, envolto em panos bordados, cujos sonhos por vezes provocavam sorrisos no rostinho angelical. – Ele é tão lindo, Mariana. – Parecido com vosmecê. Tem os seus olhos, João.”²⁴

No mundo rural, beleza e transbordamento de sentimentos íntimos eram tidos e vividos como qualidades e reações feminis,

22 Cf. FREYRE. *Sobrados & mucambos*, op. cit., p. 199.

23 MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão. Romances*. 3. ed. São Paulo: Scipione; Casa de Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 1991. p. 65.

24 WIERZCHOWSKI, op. cit., p. 458.

inaceitáveis em um homem, quanto mais em um peão! A determinação dos sentimentos pelo rústico mundo social escravista engessava igualmente o modo de ser pai, ser esposo, ser amante. Ter materializado ficcionalmente essa realidade é uma das grandes qualidades de São Bernardo, de Graciliano Ramos.²⁵

A solução da contradição nascida da relação socialmente inaceitável constitui *happy end* ficcional trivial²⁶ e consolador – o belo peão volta da guerra para viver feliz, como administrador de imensa fazenda, ao lado da igualmente bela esposa e do filho amado, não menos lindo. Tudo mais ou menos como ocorre inevitavelmente na conclusão das novelas globais das oito, após as imprescindíveis e esperadas peripécias dos grandes protagonistas.

O amor tudo vence

Relata o narrador: “Mariana, João Gutierrez e o menino foram viver na Estância do Brejo e lá tiveram existência calma e feliz.”²⁷ E isso devido precisamente ao fato de o peão ter desvirginado e embarrigado, sobre um pelego sujo, na beira de uma sanga, a sobrinha do presidente da República, Bento Gonçalves da Silva que, por coisas de honra e outras, fulminou, sem piedade, o próprio primo, sangue de seu sangue, carne de sua carne!

A solução ficcional socialmente integradora do caso do gaúcho safado assume caráter mais grave já que o empreendedor João Gutierrez constitui praticamente o único protagonista da trama que não pertence às classes senhoriais, em um romance que não anima plenamente sequer um personagem das classes subalternizadas!

A meteórica ascensão social de João Gutierrez sugere democracia e mobilidade desconhecidos pelo mundo escravista sulino e brasileiro. Uma narrativa que se adapta, portanto, como luva velha à mão do dono, à proposta da “democracia pastoril sulina”, grande mito fundador da formação social sulina, ou seja, à narrativa de uma sociedade nascida de mundo pastoril sem reais contradições de classe.²⁸

Uma superação de contradição social para a época insolúvel – peão guacho, sem eira nem beira, embarriga rica herdeira da mais distinta família da Campanha – devido exclusivamente,

25 Cf. MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. p. 77 *et seq.*

26 Cf. KOTHE, Flávio R. *A narrativa trivial*. Brasília: EdUNB, 1994; COUÉGNAS, Daniel. *Paraletteratura*. Firenze: La Nuova Italia, 1997; MOURALIS, Bernard. *As contraliteraturas*. Coimbra: Almedina, 1982.

27 WIERZCHOWSKI, op. cit., p. 452.

28 Cf. GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: EST-Martins Livreiro-UCS, 1978.

como não podia deixar de ser, à pretendida capacidade do amor de vencer e se sobrepor a todas e quaisquer barreiras sociais!

Efetivamente, a mãe de Mariana, que rejeitara a origem espúria do neto, funde-se sob a força do amor, ao ver a criança: “João Gutierrez derrama-se do rosto do menino, e ela sente um princípio de raiva ao ver sua família misturada com o vaqueano; porém, a raiva logo se desfaz. É amor essa coisa boa latejando em seu peito.”²⁹

Viúvas alegres

As viuvezes das protagonistas são também fantasiosas. Na época, as senhoras morriam comumente de gestações incensantes que sequer nasciam de verdadeira intimidade sexual com o esposo: “Mulheres que morriam velhas aos vinte e cinco anos, no oitavo ou nono parto, sem outra intimidade com o marido, que a da cama patriarcal. A intimidade do ventre passivamente gerador com o órgão ao mesmo tempo agressivamente viril e senhoril do dono da casa.”³⁰

As proprietárias que sobreviviam aos partos, sobreviviam habitualmente aos esposos. Ao contrário das viúvas de Letícia, elas não mergulhavam em profunda, sentida e eterna viuvez devido ao transpasso dos maridos-amantes. Ao contrário, era mais comum que a morte do esposo fosse vivida como espécie de libertação por viúvas que prosseguiram a existência sem maiores abalos. Chorando socialmente a falta dos consortes, dedicavam-se alegres a novenas, missas, bolos, goiabadas, visitas a parentes, atenções a filhos e netos.

Sobretudo na ficção histórica, casos extraordinários devem ser apresentados como tal, iluminando assim, na sua singularidade, as práticas sociais habituais e dominantes. Quando isso não ocorre, eles ensejam reconstruções distorcidas do universo retratado, através da radicalização e generalização de desvios e de rupturas da norma.

No romance histórico, a licença artística é sobretudo manipulação do formal com o objetivo de reforçar e enfatizar o essencial. Não constitui jamais ato arbitrário do autor-narrador, produto de decisão ou inspiração artística errática e aleatória. Trata-se de opção estudada e cuidadosa, para melhor ressaltar e iluminar o fundamental.

29 Id., *ib.*, p. 490.

30 FREYRE, Gilberto. *Sobrados & mucambos*: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 2. decadência do patriarcalismo rural e desenvolvimento urbano. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 116.

Linguagem é vida

A linguagem é o espelho da história. Homens e mulheres do passado falavam diversamente, porque, no passado, se pensava, se vivia e se sentia diversamente do presente. A linguagem é a consciência dos homens, poderoso registro da diversidade social. Falando em formas distintas, peões, cativos e senhores registravam suas distintas existências e visões de mundo.

Na obra ficcional, a pluralidade de vozes registra a multiplicidade e a complexidade dos protagonistas que constroem a riqueza narrativa. Sobretudo, materializa ficcionalmente a diversidade das visões de mundo de segmentos sociais concorrentes e antagonicos, figurações da matéria e do mundo abordado.

A rica narrativa ficcional pampiana, especialmente argentina e uruguaia, sobre o mundo pastoril, em geral, e sobre o *gaucho*, em especial, foi mais comumente obra de membros das classes latifundiárias ou de seus intelectuais orgânicos, estranhos nos hábitos e opostos nos fatos aos protagonistas dessas obras.

Essa paternidade jamais deixou de ter conseqüências ficcionais, culturais e ideológicas. Em geral, em espécie de “caridade com o chapéu alheio”, as narrativas senhoriais sobre o mundo pastoril fizeram da necessidade do gaúcho, virtude, diluindo as responsabilidades sociais e históricas das classes proprietárias no que se refere à dura vida do trabalhador pastoril.

Línguas diversas, vidas diversas

A vida *vagabunda* sem raízes e sem fronteiras, devido à ausência de direito à terra e, portanto, à família; o trabalho duro e penoso nos campos abertos, comumente sob o sol e a chuva inclementes; a violência das relações interpessoais, etc., foram cantadas por essa ficção como fenômenos nascidos de uma ordem natural ou seminatural e raramente como dura decorrência das relações de dominação e exploração.

Entretanto, poderosas narrativas literárias, que tiveram o trabalhador pastoril como protagonista, foram construídas principalmente através da materialização ficcional criativa da fala-linguagem exterior e interior dos gaúchos, registro poderoso do modo de existir e de ver o mundo desse grupo humano singular.

Obras como *Martin Fierro*, de José Hernandez, *Dom Segundo Sobra*, de Ricardo Güiraldes³¹, ou até mesmo os melhores momentos de *Antônio Chimango*, de Ramiro Barcellos³², regis-

31 Cf. GÜIRALDES, Ricardo. [1886-1927]. *Dom Segundo Sombra*. Trad. A. Meyer. Porto Alegre: L&PM, 1999.

32 Cf. JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. Ens. e notas L.A. Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

tram aspectos essenciais desse universo, ao fixarem, ficcionalmente transfiguradas, as vozes e as falas dos múltiplos e contraditórios protagonistas subalternizados que o animam.

Em *A casa das sete mulheres*, tenta-se ambientação histórico-lingüística superficial através do uso de algumas palavras e tratamentos arcaizantes – *charlava, mui, prosear, vosmecê* – e castelhanismos diversos – *mala suerte, usted*. Em tudo mais, a linguagem é atual, chata, profundamente estranha na forma e na essência ao mundo recriado. Sobretudo, ela é terrivelmente monocórdica.

Monólogo afônico

A única voz que ressoa em *A casa das sete mulheres*, o único mundo que a narrativa tenta inutilmente reconstruir é o das classes senhoriais do passado que, como assinalado, resulta ser simples projeção, nos tempos da guerra civil sulina, de expectativas e sentimentos estereotipados, principalmente das classes médias e superiores do Brasil de nossos dias.

Em *A casa das sete mulheres*, como nos romances de inícios da segunda metade do Oitocentos, o cativo doméstico aparece apenas nas entrelinhas da narrativa, sem rosto, sem nome, sem traço, verdadeiro coadjuvante semi-invisível, pano de fundo novelesco, igual às cadeiras, mesas e cortinas das moradias senhoriais.³³

Únicas com direito à cidadania ficcional, as mulheres das elites, bordam, esperam, desmancham-se em paixões frívolas, servidas por infinidade de domésticas referidas pela autora, narradores e protagonistas sob a forma categorial de *negras*, praticamente em todas as páginas do romance, não raro, diversas vezes a mesma página.

Sem “cor, rosto, carnes, vida, verdadeira abstração sociológica, citado categorialmente, ao modo de um tratado das ciências sociais, perdido nos interstícios do discurso ficcional, o cativo torna-se personagem imaterial, engolido pelo animado protagonismo dos *personagens símbolos*”, pertencentes, no romance, exclusivamente, à etnia e à classe das elites da época e de agora.³⁴

Visível, invisível

Se, no passado, as classes proprietárias procuravam reduzir civilmente os trabalhadores escravizados a entes minorados,

33 Cf. CONFORTO, Marília. *O escravo de papel: o cotidiano da escravidão na literatura do século XIX*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1993. p. 77.

34 MAESTRI, Mário. “O tempo, o vento e o negro: consolidação literária do mito da democracia pastoril: o cativo, em *O continente*, de Érico Veríssimo”. CEM. *Os trabalhos e os dias*. Passo Fundo: EdIUPF, 2000. p. 102.

reservando-lhes na narrativa ficcional, até o início da crise da escravidão, pretensa invisibilidade e inexistência social, no mundo real de todos os dias, esses mesmos escravizadores exigiam que seus *negros* se objetivassem, em forma incessante, através de atos produtivos que ocupavam quase todas as esferas das práticas produtivas e domésticas.

Furibundo escravista na vida real³⁵, José de Alencar negou coerentemente *status* ficcional ao cativo, como romancista. Em *O gaúcho*, não há sequer um personagem negro. Porém, em um verdadeiro lapso, o ficcionista termina materializando a dura visão negreira de mundo que procura esconder, ao falar de cavalos redomãos “que só trabalham como o escravo embrutecido à força de castigo”³⁶

Nas maiores sedes pastoris da época, a criadagem de *portas a dentro* raramente superava os dedos de uma mão. Mais ou menos despótica e duramente, sinhás e sinhazinhas tratavam e destravam suas *negras* pelos nomes-apelidos, já que as conheciam e com elas conviviam, não raro, desde o nascimento.

No mundo social real, as mucamas, cozinheiras, passadeiras, arrumadeiras, etc. não eram seres etéreos, invisíveis, meras *negras* fantasmagóricas. Eram componentes ativos e determinantes da existência das residências urbanas e rurais, ainda que minorados objetiva e subjetivamente pela ordem escravista.³⁷

Mulheres sem rosto

As negras abstratas da narrativa ficcional de Letícia nasciam, viviam, amavam, sofriam e morriam no mundo real do passado, percorrendo concretamente todos os passos de uma existência que tinha, na minoração permanente, importante mas não única determinação. Para objetivar-se ficcionalmente, o romance histórico deve registrar o caráter despótico das relações sociais do passado, e não reproduzir as negações arbitrárias do real habitual na narrativa ficcional pernetta da época abordada.

Negar os cativos como protagonistas e personagens plenos constitui violação e empobrecimento radical do universo narrativo, e não reprodução ficcional da discriminação negreira. Opressão escravista que se materializava no estabelecimento de dialética escravizador-escravizado que reduzia o senhor a uma extensão necessária do trabalhador escravizado, ou seja, a pessoa do senhor era inevitavelmente decalcada pelo cativo que explorava.

35 Cf. MENEZES, Raimundo de Menezes. *José de Alencar: literato e político*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 287.

36 ALENCAR, op. cit., p. 50.

37 Cf. MAESTRI, Mário. *Servidão negra: trabalho e resistência no Brasil escravista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

Porém, há diferença radical entre a negação ficcional do mundo do trabalho na literatura do passado e no romance de Leticia. Os negreiros ignoravam ficcionalmente o mundo que temiam, precisamente porque o conheciam plenamente. A apresentação categorial dos cativos domésticos de *A casa das sete mulheres* – são raras as referências aos assenzalados – nasce de ignorância radical do universo escravista pastoril, grande palco dessa ficção.

As tetas da negra Xica

Preenchendo mais uma vez o passado com material do presente, a autora escorrega comumente em valorações raciais explícitas e implícitas semioticamente perigosas. A beleza feminina e masculina restringe-se em forma maniqueísta ao padrão europeu nórdico, diga-se de passagem, pouco comum no Rio Grande da época.

São inúmeras as referências positivas aos olhos verdes, azuis, cabelos loiros, dourados e sedosos, à pele branca, alva e translúcida das mulheres das elites. “A beleza de Rosário tornou-se mais etérea com o claustro, sua pele mais translúcida e lisa, o azul dos olhos mais suave, celestial.”³⁸ É como se a narrativa fosse ambientada no Rio Grande da imigração alemã, italiana e polonesa de fins do Oitocentos, e não no meridiano sulino de três décadas antes.

O tratamento dado aos raros personagens subalternos, delineados de modo esguio, é radicalmente diverso, sobretudo quando são africanos e afro-descendentes. A “negra Xica” tem “tetras”; a “negra Milú”, “rosto retinto de preto” e “cabelos de capinha”; “Zé Pedra” [sic] “parecia um monstro de dentes brancos”; “Netinho era um negro retinto”.³⁹

As comparações zoológicas da narradora e dos protagonistas são igualmente opostas. Se o belo Garibaldi é comparado a um “pássaro”, as “negras” da casa-grande são definidas como “inquieta feito moscas”!⁴⁰ Idéias e preconceitos do presente são apresentados como próprios do passado: “Zé Pedra [sic], um negro atarracado com cara de poucos amigos, mas que tinha um coração de manteiga [...]” Praticamente todos os cativos da narrativa possuem “dentes” e “dentaduras brancas”!⁴¹

38 WIERZCHOWSKI, op. cit., p. 443.

39 Id., ib., p. 17, 22, 43, 220, *et passim*.

40 Id., ib., p. 231, 215.

41 Id., ib., p. 22, 211, 43, 211.

Mundo ignorado

No contexto da profunda ignorância da realidade socioideológica do universo histórico abordado, os lugares comuns e visões piedosas e menos piedosas, das *elites* brancas atuais, sobre os trabalhadores domésticos negros do passado, povoam quase naturalmente o romance, materializados sobretudo através da intrusão do narrador onisciente. Não são, portanto, registros ficcionais da ideologia escravista dos protagonistas do romance, ensaiados episodicamente pela autora.⁴²

O movimento farroupilha constituiu revolta republicana e separatista, empreendida pelos grandes proprietários fundiários sulinos contra o Estado central monárquico e centralizador. Ao contrário de outros movimentos liberais – Balaiada, no Maranhão-Piauí, e Cabanagem, no Pará, etc. – as elites farroupilhas conseguiram barrar totalmente o ingresso das classes subalternizadas no movimento e sua determinação por elas.

A Guerra Farroupilha foi movimento elitista e regional, sem cunho social e libertário.⁴³ Espinha dorsal da revolta, os grandes criadores mantinham, nas fazendas, núcleo permanente de cativos, labutando nas roças, nos trabalhos domésticos, construindo taipas de pedra, carregando água. Trabalhadores escravizados trabalhavam igualmente nas tarefas pastoris, ao lado de peões mensalistas e vaqueanos contratados periodicamente para os grandes rodeios.

O trabalho escravo era, portanto, elemento necessário e sistêmico da produção pastoril das grandes fazendas do Sul.⁴⁴ Coerente com a defesa da base material de sua força política e social, os principais chefes do movimento farroupilha, proprietários de terras e de homens, jamais prometeram a liberdade para os cativos e a terra para os peões pobres.⁴⁵

Senhores e seus cativos

Se o tivessem feito, teriam constituído excrescência histórica e sociológica, ao renegarem as bases da própria força e poder que lutavam para ampliar. Em sintonia com seus princípios e raízes sociais, ao morrer, Bento Gonçalves da Silva legou terras, gado e meia centena de trabalhadores escravizados, em uma época em que um cativo valia já um bom patrimônio.⁴⁶

42 Id., ib., p. 48.

43 Cf. FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*: as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

44 Cf. MAESTRI, Mário. *Deus é grande, o mato é maior*: trabalho e resistência escrava no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2002.

45 Cf. LEITMAN, Spencer Lewis. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos*: um capítulo da história do Brasil no século XIX. Rio de Janeiro: Graal, 1979.



A República do Piratini não foi sequer movimento de toda a população livre da província. O povaréu das cidades e os pequenos produtores coloniais alemães mantiveram-se, em geral, afastados e comumente apostos a movimento de latifundiários que pouco lhes dizia ou prometia contraditar seus interesses. Nesse sentido, não esqueçamos que os grandes proprietários pastoris foram sempre opostos à colonização camponesa europeia.

Porto Alegre recebeu do Império o lema de “Leal e Valorosa”, encravado até hoje no seu escudo, precisamente por ter-se rebelado sua população com galhardia e sucesso contra a ocupação farroupilha e resistido aos três cercos e bombardeamentos empreendidos pelas tropas farroupilhas. Em verdade, após serem expulsos, os farroupilhas jamais conseguiram botar o pé na capital sul-rio-grandense.⁴⁷

A Guerra Farroupilha foi movimento restritivo, de cunho republicano, separatista, escravista e latifundiário, sem dimensões paradigmáticas que sustentem epopéia ficcional. É sucesso simbólico atinente às classes latifundiárias e proprietárias modernas interessadas no elogio e perpetuação de relações e conteúdos superados pela história, que materializam, no presente, atraso e decadência.

República negra

A constituição farroupilha não deixava dúvidas que tudo “continuará como dantes no quartel de Abrantes.” “A República do Rio Grande é a associação política de todos os cidadãos rio-grandenses”. Mas os rio-grandenses eram, é claro, apenas os “homens **livres** nascidos no território da República”. O regime eleitoral prosseguia igualmente censitário, restringindo o direito ao voto e a ser votado ao homem livre e rico.⁴⁸

A República assentava-se sobre a mesma pedra angular do Império: latifúndio, escravatura, patrimonialismo. Mesmo se morressem por ela, o índio, o liberto, o gaúcho e o homem pobre seriam apenas cidadãos formais e minorados da república latifundiário-escravista que lutava para nascer. As dezenas de milhares de trabalhadores escravizados permaneceriam estrangeiros sem direitos civis mínimos na terra que construíam através do duro labor feitorizado.

46 Cf. MAESTRI, Mário. *O escravo gaúcho : resistência e trabalho*. 2 ed. corr. e ampl. Porto Alegre: UFRGS, 1993. O negro escravizado e a revolução farroupilha.

47 Cf. FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre Sitiada (1836 - 1840): um capítulo da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

48 Cf. CONSTITUIÇÕES Sul-Riograndenses 1843-1947. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1972.

A Guerra Farroupilha constituiu conflito no interior da classe senhorial que manteve na submissão os segmentos sociais subalternos e jamais questionou a ordem social instituída, assegurando, portanto, a permanente possibilidade de recomposição e reconciliação das partes em luta, objetivados em Ponche Verde, logo, não conheceu protagonistas que personificassem e materializassem tensão histórica e social que os fatos jamais possuíram.

Na tentativa de figurar artisticamente sucessos desprovidos de *patos* sociohistóricos, abandona-se a narrativa realista pela solução romântica de heróis demiúrgicos, totais, que qualificam e criam, com suas excelências intrínsecas, os acontecimentos, jamais sendo qualificados e criados por eles. “Crescência, Teixeira, Netto e Bento Gonçalves são como baluartes, o vento não os verga, a chuva não os atinge, míticos centauros desse pampa.”⁴⁹

Mistificação ideológica

A nula tensão histórica e social da Guerra Farroupilha leva a que as tentativas ficcionais, cinematográficas, poéticas, etc. de fecundá-la com sentido social e libertário resultem em narrativas românticas, retóricas e vazias no conteúdo e na forma. Em geral, são operações ideológicas e culturas conscientes, já que o conhecimento histórico sobre a revolta é de amplo domínio público.

Nos fatos, as farsas épicas sobre os sucessos farroupilhas sustentam-se. Tornam-se, sobretudo, apologias indiretas da grande propriedade pastoril. Narrativas perfilhadas pelas classes proprietárias industriais e comerciais, dominantes no Rio Grande desde a defenestração política do latifúndio, quando da Guerra Federalista de 1893-5.⁵⁰

Propor meta abolicionista como objetivo dos grandes chefes farroupilhas não constitui exercício do direito de licença artística, do qual se lança mão para revelar conteúdo essencial dos fatos narrados, mas mistificação ideológica ficcional, de sentido elitista, paternalista e providencial, com o objetivo de escamotear alguns dos elementos constitutivos centrais dos sucessos em questão.

É nesse sentido que se enquadra a retórica sobre o abolicionismo farroupilha encetada pelo narrador ou colocada na boca dos protagonistas de *A casa das sete mulheres*: “Sim, aquele era um sonho pelo qual se merece lutar até a última gota de sangue: a liberdade de uma terra e de um povo, a criação de uma nação igualitária, onde não houvesse imperador ou escravo.”⁵¹

49 WIERZCHOWSKI, op. cit., p.353.

50 Cf. MAESTRI, Mário. O sentido da República Castilhistas e da Revolução de 1893. CEM. *Os trabalhos e os dias*. Passo Fundo: EdiUPF, 2000. Pp. 179-218;

51 WIERZCHOWSKI, op. cit., p. 204.

Senhores abolicionistas

“Antônio tem a alma voltada para a guerra. Uma guerra onde os negros serão libertados. Uma república igualitária.”⁵² “Nós, que éramos servidas por escravas em todos os momentos, que, para vestir um espartilho ou prender os cabelos, necessitávamos daquelas mãos negras a nos auxiliar, tanto vibramos com a ambição republicana sobre a abolição da escravatura.”⁵³

Devido à falta de sentido histórico, o discurso social sobre o movimento farroupilha torna-se retórica vazia, de conteúdo telúrico, estranha às contradições reais do mundo social. “Algo de sobre-humano, de celeste, de bestial. Algo para além das fronteiras dessa carne. Vem do chão, viva energia que os alimenta a cada légua, que insufla em seus corpos a força para prosseguir contra todas as tempestades, a despeito do mais vigoroso dos invernos, esquecendo todas as derrotas.”⁵⁴

Despido de qualquer sentido e expressão maior, também o simplismo do núcleo romântico ficcional é patente: Joaquim ama Manuela que ama perdidamente Garibaldi que, não podendo amar a herdeira riquinha, já que o tiozão não quer, abiscoita, sem realizar qualquer luto do primeiro amor, uma jovem plebéia casada de Laguna, demonstrando a desfaçatez e inconstância do herói galante.

A incapacidade de Letícia de figurar em forma realista o fracasso do noivado da sobrinha de Bento Gonçalves com Giuseppe Garibaldi deve-se, principalmente, à contaminação anacrônica do perfil ficcional do pretendente pela sua dimensão histórica posterior, operação que facilita a construção de entretcho afetivo de cunho romântico oitocentescos.

O feitiço do amor

Como registra Caldre e Fião, em *O corsário*, quando da revolta farroupilha, Garibaldi era apenas um entre os tantos corsos italianos, em geral sem eira nem beira, que aproveitaram os sucessos do Plata para alugar seus serviços às partes beligerantes.⁵⁵ Não possuía então a consistência épica que adquiriu, décadas mais tarde, como expressão excelente do drama histórico e social da Unificação Italiana, no qual termina, diga-se de passagem, traíndo os ideais republicanos e plebeus da juventude.

Descolado dos fatos e da era em que ocorrem os fatos, *A casa das sete mulheres* assume a dimensão de narrativa romântica e folhetinesca do Oitocentos. São homens que acorrem to-

52 Id., ib., p. 402.

53 Id., ib., p. 475.

54 Id., ib., p. 350.

55 CALDRE. *O corsário*, op. cit., p. 79.

dos para a guerra sem que ninguém corra da guerra. São jovens estourando de ânsia à espera dos amores que não chegam, en-doidecendo literalmente longe das festas e saraus. São esposas aflitas por maridos amantes, recebidos com beijos cinematográficos mal apeiam dos corcéis.

Nesse contexto narrativo, compreende-se por que o romance fracasse no registro pretendido do vazio existencial nascido da espera feminina de homens que jamais voltarão da guerra, para ser infestado pela vacuidade de protagonistas que viveram a vida sem outra ocupação do que a fidelidade a amores românticos nascidos de um bater de pestanas.

Requentando o mesmo prato

Ao animar apenas personagens das elites, em cenário pastoril naturalizado, onde a terra, a relva e o vento têm variados, múltiplos e finos gostos, *A casa das sete mulheres* reduz praticamente todos os personagens relacionados com o mundo do trabalho a estado de seres sem qualquer sabor.

Paradoxalmente, a modernização dos hábitos e sentimentos; a idealização das relações interpessoais e intersociais; a pieguice das tramas românticas; a retórica regionalista desbragada, etc. constituem *handicap* positivo no sucesso do romance, e não negativo.

A articulação em narrativa de inegável qualidade textual, de preconceitos e prejuízos sociais e ideológicos dominantes, obtém efeitos estético-ideológicos inebriantes e tranquilizadores que garantem ao romance parcelas do vasto público leitor, acostumado ao consumo desse tipo de narrativa, em grande parte sob a forma de narrativa ficcional televisiva.

Nesse sentido, a adaptação à televisão de *A casa das sete mulheres* constituiu desdobramento harmônico, realizado através de seleção, transposição e radicalização dos fatos narrados fiéis à estrutura trivial do romance. Uma espécie de refeição nova, cozida do mesmo modo, com os mesmo ingredientes, apenas mexida e apresentada em forma diversa.

DEBATE APÓS IHU IDÉIAS DO DIA
15 DE ABRIL DE 2004

Daniel (estudante de História) – A respeito desta mistificação da beleza da história, para versão televisiva, sobre o uso de recursos ainda mais embelezadores. Por exemplo, para ir de Rio Pardo até Rio Grande, que monotonia seria passar pela campanha e filmar, reto, reto, reto, então vamos começar pelo Itaimbezinho, que é um percurso alternativo.

Prof. Mário Maestri – Tem absoluta razão. A trivialidade, a falta de responsabilidade, acontece também em relação ao espaço geográfico. Para vocês verem: qual foi a imagem geográfica que ficou desta novela? Os Aparados da Serra, que não têm nada a ver com o Pampa, que é absolutamente necessário, que não é um recurso visual, porque o Pampa é o espaço geográfico e político correspondente à Guerra Farroupilha. Agora, as pessoas defendem isso, dizendo que é licença artística. Vocês imaginem se estivéssemos na Itália fazendo filme sobre a fundação de Roma e colocássemos Roma ambientada nos Alpes suíços, seria inaceitável, ou se fizéssemos um filme sobre as revoltas sicilianas e o colocássemos também nos Alpes, haveria absoluta falta de correspondência. Os filmes seriam simplesmente ensandecidos. No Brasil, não, porque o objetivo, o conteúdo da mensagem tem pouca importância. Na realidade, nessa trivialidade, o belo, o feliz, mesmo artificial, é que cria a situação de satisfação.

O tema deste caderno foi apresentado no
IHU Idéias, dia 15/04/2004.

TEMAS DOS ÚLTIMOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 – *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.

- N. 14 – *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 – *Medicina Social – Um Instrumento para Denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 – *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.